



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. *Talhaba — Lisboa* • Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O CONGRESSO

E' ocioso dizer que o termo dos trabalhos do Congresso de Coimbra marca uma nova fase na organização operária. É a marcação dessa nova fase um motivo de regosio, posto que se progrediu, isto é, subiu-se um degrau mais no aperfeiçoamento da organização. Isto é assim porque se não trata apenas de uma mudança de rótulo, mas de uma reforma *ab initio* no esqueleto sindical. Os operários sabem-no bem, pois foram eles os arquitectos desta obra imensa, e imensa não pelo que se patenteia à vista da miopia frequente, mas pelo que ela é de facto, sendo uma emergência rara no lodo intermínio desta planície lodacenta e mole a que o ambiente português pode comparar-se. De feito, é Portugal um pantano, pódre de corpo e alma, que é como quem diz, corrompido no âmago e nas resscendências fétidas. Vive-se neste ambiente, claro está — exactamente como vivem os miórbios nas putrefacções últimas da matéria, pois que a vida em toda a parte se manifesta, no mineral até, como os sábios começam a dizer. Mas a organização operária a pouco e pouco se vai destacando do deste ambiente putrefacto, num glorioso desejo de viver, ressurrecional e fecundo.

Não quero dizer isto que as reformas sindicais, aprovadas no Congresso de Coimbra, estejam isentas de defeitos. Tê-lo-ão, tanto mais que o critério de defeito anda ligado ao critério de época, e muitas insuficiências existirão no trabalho realizado que só daqui a anos se formarão visíveis para nós. Mas nem por essa circunstância os resultados do congresso de Coimbra perdem mérito, sendo, como são, um esforço excepcional numa fracção a meio delido, venal e tórpe.

Existia a União Operária Nacional. Esta instituição morreu para dar lugar a uma outra, de ordem superior. É a Confederação Geral do Trabalho. Vocês percebem, vocês, os explorados, que, de facto, se deu um passo em frente. Repetimos que se não trata simplesmente de uma mudança de título. Não é uma crisma ociosa, como pensou o escroto sr. Brito Camacho e tantos outros políticos, que só se sentem seguros porque existe uma guarda municipal, republicana, ou como queiram chamar-lhe, capaz ainda de nivelar com sangue a multidão faminta que braseja.

A transformação da U. O. N. na C. G. T. consiste principalmente nisto: a U. O. N. agrupava sindicatos directamente, posto que a constituição de federações era obra não realizada. Fundou-se a U. O. N. no congresso de Tomar, em 1914, e, de facto, nessa época, não se podiam lançar, para a organização operária, bases diferentes daquelas em que assentava a U. O. N. E eis que, anos decorridos, entram as federações corporativas, bem como as uniões locais, a desenvolver-se na razão directa da crescente consciência operária. E desta maneira se passa da U. O. N., que era uma federação de sindicatos, para a C. G. T., que é uma federação de federações.

A Confederação vai ser, para o nosso país, uma experiência. Para a realizarmos, guiámo-nos, evidentemente, pelos ensinamentos dos nossos irmãos mais velhos, quero dizer, os operários há mais tempo organizados, como sejam os da França, da Itália, da Espanha. O organismo confederativo representou para eles o grau máximo a atingir na organização combativa e revolucionária dos trabalhadores. Também nós entendemos criar em Portugal a Confederação dos Trabalhadores, e não foi por mera imitação que a criámos, se não porque isso representava para nós uma necessidade, destinada a remediar as insuficiências resultantes de não estarem os trabalhadores organizados, tanto como era para doer, quer sob o ponto de vista local, quer sob o ponto de vista profissional.

Excedendo a obra da U. O. N., a reconhecida Confederação passa a constituir o foco onde todas as aspirações operárias convergirão. Assim ficaremos com uma organização que a todos defenderá, para que todos também a defendam. A U. O. N. tinha, como declaro do foi a quando da sua constituição, um papel transitório. Era esse papel o de preparar uma melhor organização operária. Ao contrário, a C. G. T. tem um papel definitivo: é o de preparar uma sociedade melhor.

Correspondentemente, o movimento operário português passou da fase embrionária para a forma última. Não temos que preocupar-nos mais com modificações na máquina sindical, visto que ela tem já todas as peças. O que importa agora é tirar dela um máximo de produto. A Confederação Geral do Trabalho Portuguesa é um ariete. Tratemos de pô-lo em movimento. Demos-lhe o impulso primeiro. Ponhamos em acção a alavanca gigantesca, tanto mais formidável quanto mais rápidas forem as suas oscilações. A ferreamenta, potente e criadora, cá a temos. Saibamos tirar dela os máximos efeitos. O ariete potente vai de cá com a força que a actividade operária lhe emprestar. E o castelo, arruinado já, da sociedade burguesa, depressa aluirá.

Superiorizemo-nos, quer técnica, quer cultural, quer moralmente. O ponto de apoio é este. O resto vai por si. A C. G. T., que o Congresso de Coimbra acabou de fundar saberá apreender as energias de todos, fusinando-as, e armanasando com esse material a sociedade futura, obra dela, obra nossa, obra de quantos percursoros viram com olhar lúcido o futuro, desceitinando a luz que se aproxima através da opacidade das lágrimas que os nossos olhos de sofredores gotejam sempre.

Os bons cidadãos...

Continuam a aparecer por toda a parte, com uma frequência irritante, géneros avariados, incapazes para o consumo, de que se fizeram campeões algumas dúzias de honestos cidadãos, que sem escrúpulos e sem vergonha nos roubam e nos envenenam, sem que o governo, forte apenas para encarcerar operários, e para lhes chamar *bolchevistas*, numa aria estafada e aborrecida que lhe meteram nos ouvidos e que ele canta em todos os tons, maçoada e desanimadamente, os faça entrar na ordem.

O facto palpável, porém, é que se vende por aí, com todo o descaro, e também com toda a impunidade — porque o governo só produz palavras, palavras e sempre palavras — bacalhau pódre, batatas pódras, a um povo faminto de razão apodrecida, que tudo gasta, tudo come, tudo compra, tudo digere, habituado pelos bons cidadãos do comércio a alimentar-se feticidamente de porcarias.

Al estão alguns esclarecimentos, úteis para aqueles que julgam exageradas as nossas palavras, esclarecimentos, de resto, colhidos na imprensa burguesa, que, positivamente, não pode ser acimada de defensora da classe operária:

Em Santa Apolónia encontram-se seis sacas de açúcar, pertencentes à "Internacional Mercantil", da rua de S. Julião, e que se destinavam a Torres Vedras, que devem ser examinadas, por se suspeitar que o açúcar está em mau estado para o consumo.

O bacalhau, pertencente à mesma casa, que aguardava a visita do sub-delegado de saúde, foi julgado bom para o consumo, pelo que deve seguir para o seu destino.

Informa-nos o guarda 1.077, da 17.ª esquadra, que acompanha o sub-delegado de saúde dr. Couto Nogueira, que o bacalhau pódre que foi apreendido, na segunda feira passada, ao comerciante Alves, e que tinha sido mandado remover para o guano, foi ali vendido ao preço de 70 centavos o quilo.

A casa Augusto Tedis, da rua Nova de S. Domingos, 134, tem depositados, na estação de Santa Apolónia, seis fardos de bacalhau, que devem ser submetidos à análise do sub-delegado de saúde, por se suspeitar de que o seu conteúdo está já pódre. O bacalhau destina-se a Castelo de Vide e Belver.

A Rússia livre e libertadora

Irmãos da Rússia, que realizastes a vossa grande Revolução: não devemos somente felicitar-vos; devemos agradecer-vos. Não foi só para vós que trabalhastes, conquistando a vossa liberdade, mas para todos nós, vossos irmãos do velho Ocidente.

O progresso humano faz-se através duma evolução dos séculos, que depressa se gasta, enfraquece a cada instante, modera o andamento, tropeça nos obstáculos, ou adormece na estrada como uma mula calaceira. Para a despertar, são necessários de tempos a tempos os sobressaltos de energia, os vigorosos impulsos das revoluções, que fustigam a vontade, fazendo retesar todos os músculos e saltar a barreira.

A nossa Revolução de 1789 foi assim um despertar de energia heroica, desses que arrancam a humanidade do atoleiro onde ela chafurdava e a empurram para diante. Mas, executado o esforço e pôto o carro de novo em movimento, bem depressa a humanidade tende a atolar-se de novo. Há muito tempo já que a Revolução francesa deu na Europa toda os seus frutos! E chega um momento em que as ideias outrora fecundas, as forças que foram de vida nova, já não passam de ídolos do passado, forças que puxam para trás, obstáculos novos. Foi o que se viu nesta guerra mundial, na qual os jacobinos do Ocidente amide-se mostraram os piores inimigos da liberdade.

Aos tempos novos demos novas vias e novas esperanças! Irmãos nossos da Rússia, a vossa Revolução vai despertar a nossa Europa adormecida na orgulhosa recordação das suas revoluções de outros tempos. Marchai na vanguarda! Nós vos seguiremos. Cada povo guia a vez a humanidade. Vós, cujas forças juvenis se conservaram durante séculos de inação imposta, apanhai o machado no ponto onde o deixámos cair, e na floresta virgem das injustiças e mentiras sociais por onde vagueia a humanidade, abri clareiras e caminhos cheios de sol!

A nossa Revolução foi obra de grandes burgueses, cuja raça se extinguiu. Tinham os seus grandes vícios e as suas grandes virtudes. A civilização só viciou herdou: o fanatismo intelectual e a cubija. Que a vossa Revolução seja a dum grande povo, são, fraternal, humano, evitando os excessos em que nós caímos.

Sede sobretudo unidos! Aproveitai o nosso exemplo. Recordai-vos da Convenção francesa, devorando os seus filhos como Saturno. Sede mais tolerantes do que nós fomos. Todas as vossas forças não são demais para defender a santa causa de que sois representantes contra os inimigos encarniçados e velhacos, que neste momento fingem fugir para a selva, esperar que caísis, se vos achardes isolados.

Lembra-vos enfim, irmãos da Rússia, que combastes tanto por vós como por nós. Os nossos pais de 1792 quiseram levar a liberdade ao mundo. Não o conseguiram: e é possível que não estivessem talhados para tanto. Mas a vontade foi grande. Que a vossa seja igual! Dai à Europa a paz e a liberdade!

Romain ROLLAND

NO ARSENAL DE MARINHA Por causa dum telegrama

Enviou um grupo de operários do arsenal da marinha um telegrama ao Congresso Operário Nacional, saudando os congressistas e afirmando a sua solidariedade com os princípios por que devem pugnar todos os trabalhadores.

Como quer, porém, que no telegrama expedido se falasse de sindicalismo, e, o que é mais, de sindicalismo revolucionário, foram os sinatários chamados, por ordem do ministro da marinha, à presença da Administração dos Serviços Fabris, a fim de declararem ser de sua autoria o referido telegrama.

Respondendo afirmativamente, como já dissemos, pelo que foram mandados em paz, avisados, no entanto, de que teriam de voltar à presença da administração para novas declarações.

Aguardávamos, segundo dissemos, o que desta audiência resultasse; e não tivemos muito a esperar. Foram ontem de tarde chamados os operários a um dos gabinetes da direcção técnica, e ali reduziram a auto as suas afirmações, interrogados por um oficial de marinha, durante cerca de três horas e meia.

O resultado não sabemos, por agora. O processo vai para o ministro da marinha. E depois?

Volta-mos a aguardar com ansiedade o que deste processo interessante resultará. Manifestamos porém, desde já, a nossa estranheza pelo facto de uma entidade superior se andar preocupando tanto com uma questão cuja gravidade não descobrimos.

São sindicalistas os operários do arsenal de marinha?

Não é permitido ser-se sindicalista revolucionário?

Enão porque não prende a polícia, ou porque não processa o ministro da marinha, os operários que agora em Coimbra, em nome de mais de uma centena de trabalhadores, fizeram afirmações sindicalistas revolucionárias?

Na América do Norte
Ardem grandes depósitos de petróleo
NEW-YORK, 16. — Há três dias que ardem em Longisau enormes depósitos de petróleo.

A Ditadura do Proletariado e a Anarquia

A *Volonté*, de Ancona, reproduz no seu n.º de 16 de Agosto um interessante trecho de uma carta que Malatesta endereçou de Londres a um dos redactores daquele excelente semanário anarquista. Vamos a nosso turno transcrevê-lo, porque, a respeito do assunto expresso na epígrafe acima, consubstancia exactamente, na sóbria e precisa linguagem do autor, tudo o que nestas colunas temos dito, com a preocupação, também manifestada por Malatesta, de não proporcionar o menor malentendido às calúnias e infâmias da reacção burguesa contra a revolução russa.

Eis o trecho em questão:

Sobre a questão que tanto te preocupa, a da ditadura do proletariado, parece-me que estamos fundamentalmente de acordo.

Afigura-se-me que sobre o assunto a opinião dos anarquistas não deveria ser duvidosa, e com efeito a ninguém oferecia dúvidas antes da revolução bolchevista. Anarquia significa *não-governo*, e, portanto, com mais forte razão, *não-ditadura*, pois ditadura é governo absoluto sem fiscalização nem limites constitucionais.

Mas, quando estalou a revolução bolchevista, alguns amigos nossos confundiram o que era revolução contra o governo preexistente e o que era novo governo vindo sobrepor-se à revolução para a reprimir e dirigir segundo os fins particulares dum partido — e por pouco se não declararam eles próprios bolchevistas.

Ora, os bolchevistas são simplesmente marxistas, que honesta e consequentemente se mantiveram marxistas, ao contrário dos seus mestres e modelos, como Guesde, Plekoff, Hyndman, Scheidemann, Noske, etc., etc., que vieram a dar no que tu sabes. Respeitamos a tua sinceridade, admiramos a tua energia, mas assim como nunca estivemos de acordo com eles no terreno teórico, assim também não nos poderíamos solidarizar com eles ao passar da teoria à prática.

Mas talvez a verdade seja apenas isto: que os nossos amigos bolchevistas, com a expressão "ditadura do proletariado", querem apenas dizer o acto revolucionário dos trabalhadores que tomam posse da terra e dos instrumentos de trabalho e procuram constituir uma sociedade, organizar uma forma de convivência social em que não haja lugar para uma classe que explore e oprima os produtores.

Compreendida assim, a "ditadura do proletariado" seria o poder efectivo de todos os trabalhadores ocupados em lançar por terra a sociedade capitalista, e tornar-se-ia na *anarquia* logo que

cessasse a resistência reaccionária e mais ninguém pretendesse obrigar pela força a massa a obedecer-lhe e a trabalhar para ele. E então a nossa discórdia já não passaria duma questão de palavras. *Ditadura do proletariado* significaria ditadura de todos, isto é, já não seria ditadura, como governo de todos de ser governo, no sentido autoritário, histórico, prático da palavra.

Mas os partidários da "ditadura do proletariado" não a entendem assim, e bem o mostram na Rússia. O *proletariado* naturalmente entra para ali como entra o *povo* nos regimes democráticos, isto é, apenas para esconder a essência real da coisa. Na realidade, trata-se da ditadura dum partido, ou antes, dos chefes dum partido, com os seus decretos, com as suas sanções penais, os seus agentes executivos e sobretudo a sua força armada, que hoje serve também para impedir a revolução contra os seus inimigos exteriores, mas servirá amanhã para impor aos trabalhadores a vontade dos ditadores, deter a revolução, consolidar os novos interesses que se vão constituindo e defender contra a massa uma nova classe privilegiada.

O General Bonaparte também serviu para deter a revolução francesa contra a reacção europeia, mas não defendeu a estrançalou-a. Lenin, Trótski e camaradas são certamente revolucionários sinceros, da maneira como entendem a revolução, e não trairão; mas preparam os quadros governativos que servirão aos que vierem depois para se aproveitarem da revolução e darem cabo dela. Aqueles serão as primeiras vítimas do método, e com eles recio que caia a revolução. É a história que se repete, *mutatis mutandis*: é a ditadura de Robespierre que leva Robespierre à guilhotina e prepara o caminho a Napoleão.

São estas as minhas ideias gerais sobre as coisas da Rússia. Quanto aos particulares, as notícias que temos são ainda demasiadamente divergentes e contraditórias para que possamos arriscar um juízo. Pode até suceder que muitas coisas, que nos parecem más, sejam o fruto da situação e que nas circunstâncias especiais da Rússia não fosse possível proceder de maneira diversa. Melhor é esperar, tanto mais que o que nós digamos nenhuma influência pode ter sobre o desenvolvimento dos factos na Rússia, e poderia na Itlia ser mal interpretado e fazer com que parecéssemos eco das calúnias interessadas da reacção.

O importante é o que devemos fazer nós — mas, batemos sempre no mesmo ponto, eu estou longe e impossibilitado de contribuir com a minha parte...

Errico MALATESTA

A queda do comunismo húngaro

A burguesia conseguiu um triunfo — a queda do comunismo húngaro — vítima em primeiro lugar duma agressão violenta, após a "preparação moral" duma vasta campanha de calúnias, insinúas, subornos e hipócritas promessas. Essa infame agressão foi favorecida pela inércia e desorientação do proletariado da *Entente* e pelo estúpido e inoportuno "oportunismo" que prende os movimentos dos seus corrompidos militantes.

As essas causas principais ajuntem-se as causas internas, a desfavorável posição geográfica dum país não muito vasto, cercado de inimigos dispostos à agressão e cubiosos de presa, a reacção interior, as traições e cegueira dos moderados, e certamente os erros de vários espécie, de método sobretudo, dos próprios dirigentes da revolução.

Desencadeada a contra-revolução, a sua marcha e o seu furor não conhecem obstáculos nem limites.

O exército romeno, instrumento principal da reacção burguesa e imperialista mundial, tratou naturalmente de servir o seu Estado. As suas depredações, as suas devastações, o desmedido das suas requisições e cláusulas de paz sobrestaram a própria *Entente*, ciosas duma autoridade e irritada ante um conviva tmo sórgro que, seguindo à letra o exemplo dos mais poderosos, ameaçava prejudicar os parceiros na partilha do bôlo.

E a *Entente* ralha, fulmina, intima — ela, que deu o provocador exemplo; ela que confiou a um parente do Kaiser, a um Hohenzollern, ao rei da Roménia, o encargo de destruir a República Comunista húngara, ela que, a despeito de fingimentos, favorece na Hungria um intenso trabalho em favor da restauração dos Habsburgos, os que deram o sinal, da grande carnificina mundial!

Para sufocar o espírito revolucionário, anda à solta na Hungria, como antes na Finlândia e na Baviera, o mais monstruoso terror branco. A própria imprensa burguesa confessa inquietada os excessos, como o indica, entre outros, este telegrama por ela publicado:

ROMA, 10. — Segundo informações chegadas de Fiume, o terror branco na Hungria toma proporções aterradoras.

Fallam notícias pormenorizadas, mas o Danúbio revela os horrores cometidos nas suas margens, transportando na corrente numerosos cadáveres.

Até agora, foram retirados do rio mil cadáveres, entre os quais os de muitos juizes bolchevistas que no governo de Bela-Kun se fizeram notar por crueldades... C.

autoridade sob qualquer aspecto, mas a verdade é que o regime comunista húngaro esteve bem longe de cometer as violências que lhe são atribuídas. Mesmo depois de atacado pela reacção exterior e pela contra-revolução interna, o seu "terror" foi bem moderado. De dez condenações à morte, nem todas foram executadas; e as sentenças dos juizes bolchevistas eram muitas vezes do género daquelas que ironicamente se limitava a condenar uns estudantes militares insurrectos a... estudar!

Verdadeiramente, é o "terror vermelho" que é páldio ao lado da violenta vermelhidão de sangue do rancoroso "terror branco", que mata como um tigre insaciável para manter sobre criaturas humanas a ignominia dum parasitismo e dum privilégio monstruosos.

E à sua violência sem freio ajunta a burguesia a sua baixa moral de mentira, quebra da fé jurada, falta de palavra. Onde está o famoso direito de autodeterminação dos povos, de liberdade e justiça internacionais? Qual o Estado que não tenha considerado os seus tratados e solenes promessas como miseráveis "pedaços de papel", que se rasgam ante o mundo embotado sem o menor escrúpulo de consciência?

Mas servir-lhe-há de muito toda essa vileza, toda essa sanha feroz?

Nós esperamos, crêmos firmemente que não. Se a reacção está desencadeada, a Revolução também. Todos os povos anseiam pela liberdade — e só falta em muitos pontos a coesão, a iniciativa, o ímpeto, a scintilla iniciadora.

Volonté cita muito a propósito os versos do grande poeta húngaro Alexandre Petöfi, que em 1849 morreu pela liberdade nas margens do Tibisco: "Selvagem usurpador, é necessário que morras; o tirano só vive enquanto os súbditos não querem a liberdade; no dia em que os escravos a querem, despedaçam-se cárceres e grilhões e o tirano é reduzido a cinzas".

Esse dia chegou. Os escravos querem a liberdade, e apenas lhe procuram o caminho, ao claro da Revolução que rompeu do Oriente...

No Pôrto

Os presos do Aljube foram postos em liberdade

PORTO, 18. — Os operários que se encontravam no Aljube, presos por questões sociais, foram ontem postos em liberdade. Continuam, porém, presos os da casa de reclusão.

FLAGELO INTERMINÁVEL

A carestia da vida

A exploração torpe, desumana, que à volta dos géneros de primeira necessidade os senhores da tenda, da sapataria, da alfaiataria, veem fazendo há alguns dias, apertando mais e mais a corda que nos estrangula, é tudo quanto de mais infame e criminoso se pode conceber.

Não lhes bastou quatro anos de sangueira, quatro anos de fome para nós e de fartura para eles; não lhes bastou a tragédia sinistra que enlutou os nossos lares e lhes encheu a burra, para lançar sobre o povo, que os mantém e lhes paga os caprichos, o pesado imposto que a sua ganância foi elevando sempre, num crescendo apavorante. Não lhes bastou o crime para a satisfação dos seus prazeres. Não. Era preciso que, terminada a guerra, eles continuassem, cada vez mais, não só a matar-nos lentamente, com géneros avariados, a que os cães voltam o focinho, mas a meter-nos nas algebras várias as unhas aduncas de Harpagão, aumentando sucessivamente, e dum instante para outro, quasi, os preços a tudo que nós, na nossa dupla qualidade de produtores e consumidores, somos forçados a adquirir.

O governo que para aí nos governa leve, à última hora, e quando naturalmente está para deixar as sempre cubiladas cadeiras do mando, um rasgo de energia, um resto daquela energia de que costuma usar contra nós, e atirasse ao problema, sem o estudar, como gato a bofe. O governo para tudo, e muito especialmente para os trabalhadores, tem sido incansável na perseguição. Tem feito tudo quanto um ministério politicamente inábil pode fazer para nos divorciar do regime que, de resto, não desejamos. Bem haja pela sua propaganda. Por onde, todavia, devia ter principiado, é por onde, certamente, vai acabar, se é que alguma coisa de útil se aproveita das medidas que vai pôr em prática.

O desassombro e a energia do governo, como lhe chama o jornal da noite, de ontem, traduz-se pura e simplesmente em multas e apreensões, de que são sempre excluídos os grandes da roubafeira, atitude esta, de resultados conhecidos, e que todos os antecessores do sr. Sá Cardoso tem experimentado sem êxito. A's duas por três a multa e a apreensão dão a soma habitual — zero.

E' preciso que o governo compreenda que as prisões não se fizeram apenas para os operários e que os assanbarradores, autênticos e únicos responsáveis pela miséria que alastra nos cazebeiros proletários, tem crimes às costas muito mais graves do que a acusação de *bolchevista*, com que costumam meter-nos na cadeia. A prisão contido, não é ainda bastante. A confiscação, o encerramento do estabelecimento por tempo compatível com a ilegalidade cometida, são medidas igualmente para nós desprezadas, dado que o governo esteja, como se diz, com o desejo de pôr cobro aos desmandos criminosos dos novos-ricos, a quem, pelo visto, a guerra não satisfazer completamente a ambição da ganância.

Os propósitos do governo são, repetimo-lo, muito duvidosos, porque se limita a fazer o que outros tem já feito somente para *épate*.

Precisam-se não apenas palavras, mas obras, e enquanto as não virmos temos o direito de duvidar das intenções do sr. Sá Cardoso.

Sobre a repressão do roubo organizado, que se desenvolve cada vez mais, intenção que nem um só instante poríamos em dúvida se se tratasse de nos meter no Picadeiro, por exemplo.

CONTRA OS PÓGROMES

UM APELO Á HUMANIDADE

Em nome da consciência humana, em nome da responsabilidade moral de cada homem para com os outros homens, os signatários apelam para todos os povos do mundo e mais especialmente para o povo francês.

Da Europa Oriental, da Ucrânia, da Polónia, da Lituânia ocupada, da Galícia, chega-nos um brado de pavor e de dor pungente: um povo inteiro chama desesperadamente por socorro.

Os judeus, que há séculos se acham estabelecidos na Europa Oriental, são ali vítimas inocentes e lamentáveis de todas as lutas nacionais, políticas e sociais.

As ambições rivais dos povos, governos e partidos, toda a loucura sangui-nária das guerras civis, tudo se sacia hoje na desgraçada minoria hebraica com criminosa crueldade.

Os pógromes do tsarismo, os próprios morticínios de Kichinev são ultrapassados pelas atrocidades recentes. Na Besarábia, ocupada pelas tropas romenas, tem as autoridades militares tolerado ignóbeis atentados contra os judeus. Na Galícia Oriental, uma vaga de pógromes seguiu a invasão polaca; em Lemberg, estava o terror no seu auge. Os horrores de Pinsk, de Lida, de Vilna, ajuntaram uma página de lágrimas e sangue aos trágicos anais da história judaica.

Em mais de cem cidades da Ucrânia, houve horrores pógromes e pereceram dezenas de milhares de vítimas. Voltaram os tempos da mais terrível inquisição, pois os morticínios são acompanhados das mais cruéis torturas e dos mais horribes suplicios físicos morais. Em Proskurov, foram trucidados milhares de judeus; em Filichne, Iitomir, Balta, Umã, Hahidievka, Bobry (colónia agrícola israelita), Litine, Kamenetz-Podolsk, Kitaigorov, Trostienetz, etc., etc., é enorme o número das vítimas.

Na Ucrânia, os pógromes continuam, ameaçando os judeus de extermínio total.

Milhares de homens, mulheres e crianças sofrem a maior das aflições, entregues sem defesa à morte ou à desonra.

O que a guerra poupava dos modestos haveres dos judeus é agora sistematicamente saqueado e destruído. Ameaçada na sua vida está uma população inteira, no meio da Europa civilizada e no alvor da era nova, da qual o mundo espera a sua carta de liberdade e de justiça. Semelhantes crimes não desonram somente os povos que os praticam, ultrajam a razão e a consciência humanas.

Os signatários apelam para todos os povos do mundo suplicando-lhes que levantem a voz contra os crimes inauditos de que é vítima um povo a fazer do céu.

E' preciso que por toda a parte se organizem comissões para defesa dos judeus da Europa Oriental e que essas comissões se unam para uma acção pronta e vigorosa contra os opressores.

Que em todos os Parlamantos do mundo os representantes dos povos erigam a voz contra essas sangrentas iniquidades. Aos povos livres e aos governos responsáveis cabe o dever de pôr termo a essa violação monstruosa dos direitos do homem.

coisa de útil se aproveita das medidas que vai pôr em prática.

O desassombro e a energia do governo, como lhe chama o jornal da noite, de ontem, traduz-se pura e simplesmente em multas e apreensões, de que são sempre excluídos os grandes da roubafeira, atitude esta, de resultados conhecidos, e que todos os antecessores do sr. Sá Cardoso tem experimentado sem êxito. A's duas por três a multa e a apreensão dão a soma habitual — zero.

E' preciso que o governo compreenda que as prisões não se fizeram apenas para os operários e que os assanbarradores, autênticos e únicos responsáveis pela miséria que alastra nos cazebeiros proletários, tem crimes às costas muito mais graves do que a acusação de *bolchevista*, com que costumam meter-nos na cadeia. A prisão contido, não é ainda bastante. A confiscação, o encerramento do estabelecimento por tempo compatível com a ilegalidade cometida, são medidas igualmente para nós desprezadas, dado que o governo esteja, como se diz, com o desejo de pôr cobro aos desmandos criminosos dos novos-ricos, a quem, pelo visto, a guerra não satisfazer completamente a ambição da ganância.

Os propósitos do governo são, repetimo-lo, muito duvidosos, porque se limita a fazer o que outros tem já feito somente para *épate*.

Precisam-se não apenas palavras, mas obras, e enquanto as não virmos temos o direito de duvidar das intenções do sr. Sá Cardoso.

Sobre a repressão do roubo organizado, que se desenvolve cada vez mais, intenção que nem um só instante poríamos em dúvida se se tratasse de nos meter no Picadeiro, por exemplo.

Pedimos a organização rápida de comissões de defesa contra a perseguição, investidas da autoridade que convém à sua alta missão. Os milhões de judeus oprimidos não tem outra salvaguarda senão a consciência da solidariedade moral do mundo civilizado, e puseram a sua suprema esperança no direito sagrado de todos os homens à vida e à liberdade.

Anatole France, Paulo Apell, membro do Instituto; A. Aulard, professor na Faculdade de Letras de Paris; Henriette Barbusse; Carlos Bernardi, deputado; Emilio Colomb, senador, ex-presidente do conselho; Michel Corday; L. Dispan de Fleuran, professor substituto no liceu Lakanal; Jorge Duhamel; Elias Faure; Carlos Gide, professor na Faculdade de Direito, de Paris; Fernando Hôld, vice-presidente da Liga dos Direitos do Homem; Gustavo Herff; L. Lapicque, professor na Faculdade de Ciências; F. Larnaud, decano da Faculdade de Direito de Paris; Ernesto Lavisse, da Academia Francesa, director da Escola Normal Superior; Vitor Marguerite; Marcel Cachin, deputado; Mudame Ménard-Dorian; Pedro Miller; Vilfredo Monod, pastor; de Monzie, deputado, ex-ministro; Moutet, deputado; A. Prenant, professor na Faculdade de Medicina; Henrique Roger, decano da Faculdade de Medicina; Gabriel Stailes, professor na Universidade de Paris; Ch. Seignobos, professor na Faculdade de Letras de Paris; Alberto Thomas, deputado ex-ministro; padre Viollet.

Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Reuniu esta comissão para apreciar as *démarches* efectuadas junto da polícia de segurança do Estado a respeito das camaradas que ainda se encontram detidas. A comissão foi então recebida pelo respectivo secretário que lhe pediu uma nota dos presos.

Oficiou-se ao camarada João Pedro Polido para que informe Daniel Machado de que a regularização da sua situação está entregue aos cuidados do Conselho jurídico. Da União dos sindicalistas de Viana do Castelo recebeu-se comunicação de terem sido postos em liberdade quatro camaradas presos por questões sociais.

Recebeu-se também comunicação do Aljube, do Porto, participando terem sido libertados 4 camaradas mas que se encontram ainda ali detidos 8 camaradas há já 43 dias.

Também se encontra ainda preso Antonio de Oil eira sem que justifique por uma forma plausível o advogamento da sua prisão.

FERVET OPUS

CORPORATÓES OPERÁRIAS EM MARCHA

A defeza contra a opressão capitalista e estatal

As classes gráficas

propõem-se realizar um vasto plano de trabalhos

As associações de classe dos Compositores e Impressores Tipográficos, Enquadernadores e Anexos, Fotógrafos e Litógrafos, que lutam há muitas décadas com robustez, possuídas de um espírito empreendedor e decidido, próprio a criações gloriosas, conceberam agora um plano vastíssimo de trabalhos maiores e dar a esses sindicatos um maior desenvolvimento, um mais amplo campo de acção e, por consequência, uma maior potência combativa.

Que pretendem as associações gráficas? O manifesto, que por elas acaba de ser publicado, expõe e justifica todo um importantíssimo programa de realizações nos períodos que a seguir transcreveremos:

«Instalação eléctrica, aquisição de mobiliário, obras e melhoramento em todas as salas e gabinetes, alargamento e desenvolvimento da biblioteca, de acordo com a Federação do Livro e do Jornal, a fim de dar mais embelezamento ao edifício onde estão instalados todos os sindicatos gráficos.

«E' um empreendimento que deve merecer das classes lá apoio, pois que dele resulta, evidentemente, uma soma grande de vantagens.

«Também a direcção dos Compositores Tipográficos vai desenvolver a sua actividade no sentido de dar um mais largo incremento à sua tipografia sindical. Cuida ela em constituir um quadro tipográfico competente e de molde a atender o grande número de trabalhos que as suas oficinas têm acoído. A tipografia sindical tem vivido uma vida tática quando podia ser já hoje uma oficina modelar. Só à apatia da classe se deve o seu decaimento. Deve a classe, pois, contribuir para que a sua oficina profissional atinja o desenvolvimento que lhe é devido.

«O mesmo pensa a direcção dos Enquadernadores sobre a sua oficina sindical num futuro mais ou menos próximo. Também a direcção dos Empregados de Fotografia cuidam da fundação duma Cooperativa Fotográfica.

«Quanto à nossa sede ela é, apesar de ampla, pouco confortável. Necessário se torna, pois, que ela atinja também um desenvolvimento consentâneo com as necessidades higiénicas tanto necessárias de atenção. Assim, a nossa sede está, pelas razões apontadas, em grande inferioridade com as de outras classes que pelas suas habitações mostram desvelado carinho.

«Com o alargamento da biblioteca federal, abertura de cursos de esperança e de francês, o aproveitamento da nossa sala de sessões para a electra sessões de carácter instrutivo—pontos estes que fazem parte dum programa que estas Direcções traçam—terão as classes gráficas, de futuro, um ponto de reunião agradável e atraente—os seus sindicatos profissionais!

«Comporte este empreendimento, como é natural, largos compromissos monetários e para os satisfazer, necessário se torna que as classes correspondam ao apelo que estas Direcções lhes fazem. Já o quadro de *A Capital* num gesto espontâneo e muito louvável, ao nos proporcionar o envio ao seu sindicato profissional a importância de um dia de trabalho concorrendo, para esse efeito todos os membros do mesmo quadro, sem excepção.

«E' um exemplo bem vivo do seu amor pelo sindicato o gesto desses camaradas e digno de ser imitado por todos os que se dizem e todos os que são conscientes.

«Para todos apela as Direcções certas de que esse belo gesto será imitado. Todos devem contribuir para essa grandiosa obra com igual esforço!

«Um dia de trabalho que, para ser mais suave, poderá ser satisfeito em quatro prestações semanais, deve constituir um fundo razoável para auxiliar esta Direcção na prática da sua ideia.

«As classes concorrerão, assim, para a execução duma obra excelente que será sua, muito sua mesma».

A classe dos barbeiros

intenta lutar por maiores salários

A classe dos Barbeiros, uma das mais mal remuneradas e mais exploradas, actualmente, movimenta-se para a conquista de regalias inadiáveis. Para início dos trabalhos que a classe vai levar à prática, realizou-se ontem, pelas 21 horas, uma assembleia magna, na sua sede, rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.º, de cujo convite-manifesto extrairmos os seguintes períodos:

«A ganância especulativa do alto e baixo comércio tem-se afirmado dia a dia com a alta de preços de todos os géneros de primeira necessidade.

O pretexto do aumento de salários, com que nos sopram aos ouvidos para aumentarmos a vontade o preço da sua mercadoria, está provado que era apenas uma máscara aposta aos seus intentos de abutres carneiros.

As reclamações que nesta assembleia se assentou reclamar do patronato são a abolição de gorgeta e o salário de \$300 e 250, respectivamente para casis de 1.ª e 2.ª classe. Foi ainda nomeada uma comissão para avistar-se com a classe patronal.

Ultimamente os salários tem-se conservado estacionários e o comércio patriótico e honradamente... continua roubando descaradamente o consumidor, largando sem rebuço a máscara e mostrando a fúria hedionda e hianite, disposto a tudo devorar sem dó nem piedade!

Para que tenhamos de viver à mercê da generosidade do freguês e não nos impormos para que nos paguem um salário igual ao das outras classes trabalhadoras?

Não podia o vosso Sindicato profissional ficar indiferente ante tão angustiosa situação. Eis a razão do nosso apelo a todos os operários barbeiros para que nos unamos sob a nossa bandeira e iniciemos a luta em prol de um direito incontestável para todos os trabalhadores: O Direito à Vida!

Os soldados de Penitência

Reclamam melhoria de situação

Esta classe resolveu em assembleia geral reclamar do patronato aumento de salário, aprovando por unanimidade os seguintes preços de empriedade:

Formatos: 114 redutido, 118 club, 114 club, 114 usual 22 mm, cada cento \$50; 114 americano, \$60; 112 baixo e 112 alto, \$70.

Para o trabalho por conta da casa (conceitos) \$30 por hora.

Duas fábricas aprovaram já esta tabela, tendo a associação oficiado a todas as outras por cuja resposta a classe espera.

Além do pedido de aumento de salários apresentaram ainda os soldados de Penitência a reclamação do dia normal de oito horas, casas para habitar, peixe, luz e água para o trabalho mensal cuja tabela será de \$60800.

Carteiros despedidos

por não se conformarem com uma infracção da tabela de preços

Da fábrica Cardoso & Jorge da rua da Manutenção do Estado foram ontem despedidos todos os operários por não quererem sujeitar-se à imposição do patronato, que pretendia pagar-lhes a razão de 1 centavo o fabrico de determinado artigo a que, segundo a tabela de salários, corresponde o preço de 5 centavos.

Os operários despedidos reuniram na sede da sua associação resolvendo publicar um manifesto à classe expondo a sua situação e solicitando-lhes, bem como às outras classes, que não se prestem a trabalhar para aqueles industriais.

Na mesma reunião foi lavrado um energético protesto contra a forma autoritária com o encarregado e o guarda livros da firma em questão tem tratado o pessoal.

Os empregados de livreria

apresentam ao patronato uma lista de reclamações

A classe dos Empregados de Livreria organizou-se recentemente, há meses apenas, e constitui hoje uma secção da Associação dos Caixeiros. Organizou-se no intuito de algo fazer para melhorar a situação económica dos seus componentes—e o facto se prova por já ter elaborado uma tabela de aumentos de ordenado que agora foi submetida à apreciação do patronato. A circular em que esta reclamação vem formulada justifica suficientemente a aspiração. Eis uma parte desse documento:

«A incuria dos governos, a ganância dos assambradores, os impostos elevadíssimos com que a classe foi, e continua a ser minoçada, faz com que não encontremos faminosos e privados de tudo: os géneros mais essenciais à vida escasseiam, e aqueles que ainda se encontram no mercado, são de tal maneira elevados que a classe não pode de forma alguma obter-lhes, pois não tem sequer meios suficientes para a sua aquisição.

«Suportámos durante quatro anos de guerra, todas as privações e encargos, esperavamos que sendo a Paz assinada já há tempo, poderíamos viver mais desafagados; mas que, continua a desenfreada exploração feroz e infame de todos os novos ricos».

Em consequência disso, reclamamos os seguintes aumentos de salário, para entrarmos em vigor a partir do próximo mês de Outubro, e aplicados sem distinção de sexo ou de categoria:

Ordenados até \$90800, aumento de 100 por cento; até \$40800, 75 p. c.; até \$50800, 60 p. c.; até \$60800, 50 p. c.; até \$70800, 40 p. c.; de \$70801 para cima o aumento proporcional de 28800.

Serão mantidas as concessões de venda, abonos em caso de doença e de todas as regalias que algumas casas já concedem aos seus empregados, compreendendo os quinze dias de licença com vencimentos em cada ano, ficando também a contribuição industrial a cargo da classe patronal.

A circular dos Empregados de Livreria termina por acentuar ao patronato toda a justiça da reclamação apresentada, pedindo-lhes uma resposta até ao dia 25 do corrente.

Os operários municipais

Atentam na miséria da sua situação

Temos visto nos diários que a Câmara vai tratar das questões que dizem de urgente necessidade, mas sobre uma, que é de toda a justiça, é que ainda se não viu que ela tratasse.

Os operários municipais fizeram um movimento para tratar da sua situação, e como vissem baldados os seus esforços nesse movimento, resolveram retomar o trabalho na mesma situação em que estavam pois se à data (abril de 1919) estavam lutando com a fome e a miséria, como todo o público conhece, em virtude dos irrisórios salários que ganham, pois regulam entre 1925 e 1960, com a miséria e com a fome lutam actualmente.

Assim que retomaram o trabalho, esperavamos ficarem, conforme a Câmara lhes tinha prometido de que se a tratar da sua situação, mas esses senhores nunca mais se lembraram dos miseráveis e de suas famílias.

Decorridos alguns meses julgaram que lhes iam, enfim, fazer justiça, pois tiveram conhecimento de que o Senado municipal tinha aprovado uma lei e como só esses senhores é que podem resolver a magna questão, tiveram um bocadinho de esperança, breve desfeita, pois esses senhores reuniram mas foi só para tratar da retribuição do Rossio.

Senhores Vereadores encarem a fria situação dos operários municipais! Vejam bem que lhes assiste a razão e a justiça! Lembrem-se que já crianças e velhos, de quem esses operários são o único amparo!

ABATALHA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil (Comissão Inter-Sindical).—A comissão permanente compareceu ontem no quartel do Castelo de S. Jorge juntamente com os camaradas suspensos; a fim de fazer-se a selecção como estava resolvido; porém este facto não se deu, motivo porque ficou a comissão de ter nova entrevista hoje, às 16 horas, com o director geral para ver se este assumto que tão moroso tem sido, se resolve.

Para tratar da situação dos operários ultimamente suspensos, reúne hoje, pelas 20,30, a assembleia de delegados.

S. U. C. Metalúrgicos.—Na sede deste sindicato acha-se aberta a matrícula para o curso de esperanto cujas aulas abrirão brevemente.

A Comissão Administrativa lembra aos cobradores e às secções do Sindicato que deverão, o mais breve possível, enviar nota dos nomes e moradas de todos os metalúrgicos sindicados que possuam cadernetas profissionais, a fim de serem inscritos no livro de ordem.

Em reunião do Conselho Técnico foi resolvido realizar no próximo domingo, na Trafaria, uma sessão de propaganda para a instalação da 5.ª secção deste sindicato, tendo sido ratificada a nomeação dos delegados na última sessão do Conselho. Os delegados partem, às 13 horas, da sede do sindicato, podendo, os camaradas que queiram assistir, comparecer a essa hora na sede.

Convida-se o camarada José de Sousa a vir hoje à sede do sindicato para assunto urgente.

Secção Federal da Construção Civil de Beato e Oliveira.—Para o bom andamento e a fim de evitar embaraços nas contas, a direcção desta secção previne todos os sócios em atraso de que devem satisfazer os seus débitos, evitando assim sujeitar-se a ser eliminados na nova inscrição.

Calafates.—A direcção reuniu para apreciar um conflito suscitado entre o camarada Artur Nunes e a Associação, em virtude deste operário ter ido buscar calafates não associados para prejudicar os associados, resolvendo abonar as importâncias para facilitar o regresso desses trabalhadores às terras da sua naturalidade.

Pela quantia abonada ficou responsável o operário Artur Nunes, não podendo trabalhar com os seus camaradas sem que a tenha satisfeito.

Electricistas Profissionais.—Reuniu em sessão extraordinária a direcção desta associação para tratar de diversos assuntos. Entre eles foi resolvido prevenir todos os sócios e não sócios que não façam qualquer contrato com a Empresa Hidro Elétrica do Varoza sem que venham entender-se com a direcção desta associação. Mais foi resolvido fazer ver aos srs. industriais que por diversas vezes se tem queixado em desastres ocasionados por pessoal não habilitado do serviço, que esta direcção resolveu, caso os srs. industriais não tomem providências, declarar quais as causas onde esses incompetentes se encontram para assim salvaguardar os interesses do público.

Cabouqueiros e Fabricantes de Cal.—No passado dia 15 reuniu o conselho fiscal para rever as contas do 1.º semestre deste ano, tendo primeiro consignado um voto de louvor aos trabalhos realizados nos congressos da Indústria da Construção Civil e Operário Nacional. Em seguida procedeu à revisão das contas, verificando o dinheiro em caixa e o já depositado no Montepio geral que atingem a quantia de 370841.

Serventes de Pedreiro e Estucadores.—Reuniu esta associação em assembleia geral na última quarta-feira. Foi lido o expediente entre o qual se encontrava um ofício do ministério do trabalho sobre Seguros Sociais Obrigatórios, resolvendo que baixasse a comissão administrativa; e um outro ofício dos operários do Parque Silva Pórtio, tomado na devida consideração.

Foi nomeada uma comissão composta das camaradas David S. Cavalheiro, José L. Fernandes, José Gonçalves, José Ricardo e Raúl da Silva, para tratar da cobrança para o Coife da Solidariedade no Parque Eduardo VII.

Estucadores e Decoradores.—Reuniu ontem em assembleia geral para tratar de assuntos que se prendem com o Conselho Técnico, mas como não estivesse presente o tesoureiro ficou resolvido realizar uma assembleia no próximo dia 25 para apreciar o relatório do delegado ao Congresso.

Estofadores e Decoradores.—Na assembleia realizada ante-ontem, foi aprovado o relatório e contas da direcção e parecer da comissão revisora de contas e foram eleitos para a direcção: João Caldeira, Firmino João Duarte, José Luís da Costa Neves, Artur da Silva, Guilherme Luís Gonçalves, Américo Canadas e Júlio Rocha; para a assembleia geral: Henrique Pereira e João Favares Ferreira; para o conselho fiscal: Henrique Lambert Pereira, Manuel Costa, Joaquim dos Reis Júnior, e para delegados à Federação, Henrique Ferreira, Júlio Rocha, Júlio Alves de Carvalho e António Francisco de Paula. Pedes-se a comparença de todos na segunda-feira, 22, às 21 horas, para tomarem posse.

Entalhadores.—Em reunião da assembleia geral foi aprovado o relatório e contas da comissão pró-aumento de salário. Para presidente da direcção foi eleito Albano Santos Silva, para presidente da assembleia geral, José Novais, e para delegado à F. I. M., Luís Lopes.

Na Itália

A aventura de Fiume

ROMA, 14.—O general Peppino Garibaldi declarou que ignorava as intenções de Gabriel de Annunzio e que a atitude deste se tem vindo pessoal.

Referindo-se ao «raid» Roma-Tokio, os jornais dizem que Gabriel de Annunzio se achava absorvido com os seus preparativos.—H.

Tremores de terra—Grandes prejuízos—Mortos e feridos

ROMA, 17.—Na provincia de Siena sentiu-se ontem um tremor de terra ondulatório, seguido de abalos em Cascina, Bagni, Montorio e Piancastagnaio.

Estas localidades e várias outras ficaram danificadas, desabando algumas casas em Piancastagnaio, onde houve um morto e vários feridos.—H.

A representação da Itália na Liga das Nações

ROMA, 11.—Parece que o sr. Tittoni deixa o ministério dos negócios estrangeiros logo que termine a Conferência da Paz e que será o representante da Itália na Liga das Nações.—H.

As greves lá fóra

Os polícias de Boston

BOSTON, 14.—Terminou a greve dos polícias, os quais ficam esperando o resultado da Conferência do Trabalho em Washington.—H.

Duas greves que terminam vitoriosamente

PARIS, 13.—Os operários das águas resolveram retomar o trabalho em consequência das vantagens que lhe foram concedidas. No prazo de um mês devem ficar solucionadas todas as suas reivindicações.—H.

PARIS, 13.—As municipalidades do departamento do Sena aceitaram as condições dos operários das respectivas comunas, devendo o trabalho recommençar amanhã.

Caillaux vai para uma casa de saúde

PARIS, 13.—O sr. Caillaux foi transferido às 5 horas da manhã, de automóvel, para uma casa de saúde em Neuilly, sem incidente, e ali será tratado num pequeno pavilhão, tendo duas divisões espaçosas à sua disposição.—H.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceram ontem e sepultam-se hoje as seguintes pessoas:

D. Felicidade da Conceição, às 8 horas, do hospital de S. José; D. Quintina Leal, às 11 h., do hospital de Santa Marta; D. Emilia Conceição Silva, às 10 h., rua Sociedade Farmacêutica, 37, 1.º; D. Maria Luísa Monteiro Torres, às 15 h., do lar Arminda Orlins, 12, 5.º; Custódio de Jesus, às 10 h., da rua do Prior, 6; Abílio Alves Vicente, da Calçada de S. Vicente, 100; Francisco Conceição, 9, do hospital de S. José; Abel de Jesus, às 15 h., do Necrotério (Morgue); Manuel Pereira das Neves, às 15 h., do hospital de Arroios, e Raúl Lourenço Ferreira, às 16 h., da Azinhaga da Ceboleira, 6.

FUNERAIS

Realizar-se-ão ontem os funerais das seguintes pessoas: D. Arminda da Silva, D. Julieta Correia e dos srs. Domingos Augusto dos Santos, Joaquim Inácio Ferreira e José Lourenço.

Maus fígados

Por um tal José Lopes Ramos foram ontem esfaqueados, na rua Sarriá de Carvalho, Elias dos Santos e sua filha Arminda Ramos, que recolheram no hospital de S. José onde tiveram de ser operadas, recordando depois à enfermaria provisória, 8, do hospital do Desterro, em estado bastante grave.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

A primeira d' *O Encontro*, anunciada para breve, tem como actores os esperados actores, que muito concorrerão para o êxito brilhante que a linda peça tem todo o direito de conquistar.

Reclames

Continua a assinalada preferência do público pelos espectáculos do Eden, onde hoje se efectuam as recitas da moda representando-se nas duas sessões, os quadros novos da segunda de apresentação, pela ampliação a festiva revista *Aqui d'El-Rei*.

A famosa peça *A Guerra* que tão grandioso êxito tem conquistado no Avenida, adiante se representará até domingo, pelo que não deve perder a recita de hoje, e as seguintes, quem ainda não a foi admirar. *A Guerra*, pelo aparato de apresentação, pelo interesse do seu enredo e pelo brilhantismo no conjunto do desempenho, constitui um espectáculo esplêndido, digno de ser apreciado, sob todos os pontos de vista.

Apesar de tão grande número de representações que no Apolo tem dado a revista *Lebre Corrida*, que por isso mesmo tem os seus créditos firmados, todas as noites se enche o elegante teatro de público que se não cansa de ver a melhor revista que actualmente se representa em Lisboa.

CARTAZ DO DIA

SÃO LUÍS—A's 21,30—«O Pé de Melão», TRINDADE—A's 21,15—«Paz Armada», revista.

AVENIDA—A's 21,30—Últimas representações de «A Guerra».

POLITEAMA—A's 21,15—«O pai Simão» comédia.

APÓLO—A's 21,30—«Lebre corrido».

EDEN—Duas sessões—A's 20,45 e 22,45—«O Rei».

OLIMPIA—Animatográfico e concerto.

CINEMA CONDES—Animatográfico e concerto.

SALÃO DA TRINDADE—Variedades: animatográfico.

CHATEAU TERRASSE—Animatográfico e concerto.

SALÃO DOS ANJOS—A's quintas-feiras, sábados e domingos, animatográfico.

TEATRO RECREIOS DA GRACA—Domingos 14 e segunda-feira 15, às 21 horas, últimas representações das operetas «Ramo de rosas» e «Canto Celestial».

EM ESPANHA

Uma amnistia para vários crimes

MADRID, 12.—O rei assinou o decreto de amnistia, que compreende principalmente os delitos políticos e sociais e os delitos contra a neutralidade de durante a guerra. Também são perdoados em parte da pena certos delitos de direito comum.

MADRID, 12.—A amnistia decretada hoje perdôa principalmente a totalidade das penas por delitos de greve, imprensa, palavra, reunião e sedição, excepto aos militares em serviço, e os delitos contra a neutralidade. Os insubordinados e os desertores são igualmente amnistiados na totalidade, com a facilidade de resgatar o serviço militar.—H.

Uma restituição... a tempo

ROMA, 12.—Eis, textualmente reproduzida, a carta escrita pelo punho do rei, carta que precede a justificação dos motivos do projecto de lei que ontem foi apresentado ao parlamento pelo presidente do conselho, sr. Nitti, alterando a dotação da coroa e reorganizando o património artístico nacional.

«Meu caro presidente.—Depois da nossa grande guerra, que reuniu todas as almas num único esforço tenaz, depois da vitória que deu à Itália maior segurança e prestígio no mundo, devemos retomar, com dobrado vigor o nosso trabalho pacífico. Uma maneira modesta de viver deve coincidir com um maior fervor pelos nossos trabalhos. Desejo que uma parte dos bens que até aqui eram apanágio da coroa voltem para a posse do Estado e que todos os que são fonte de receita sejam cedidos a favor da obra nacional dos combatentes. Deveria cumprir-se nesta ocasião o voto antigo de uma organização mais conveniente.

Os tesouros da nossa arte poderiam ser recolhidos num dos palácios de que a coroa disfruta e ser transferidos para a administração das antiguidades e belas artes.

Desejaria finalmente que a lista civil fosse reduzida em 3 milhões, mantendo-se em vigor, no presente como se fez no passado a restituição dos milhões que representam o apanágio de minha mãe. Ficar-lhe-ia muito obrigado se quizesse formular estes meus desejos no projecto de lei.

Agradeço-lhe antecipadamente e apeto-lhe cordialmente a mão. Seu muito afeiçoado, Vitor Manuel.—H.

Queixas à policia

Queixou-se à policia Carlos Alberto d' Oliveira Moreira, avenida Elias Garcia, A. G. ric., de que lhe furtaram uma bicicleta no valor de \$500.

Ministério DOS Abastecimentos e Transportes

Direcção Geral do Comércio Interno ARREMAÇÃO

Faz-se público que no dia 24 do corrente, pelas 13 horas, se procederá à arrematação nos Armazéns do Estado, no Beato, dos géneros a seguir descriminados:

381.000 quilos de milho avariado destinado à alimentação de gado.

3.885 quilos de varreduras de farinha.

2.687 quilos de varreduras diversas.

735 quilos de varreduras de centeio e trigo.

69 quilos de soja.

355 quilos de semente de ricino.

137 quilos de amendoim,

93 quilos de semente de linho.

150 sacos com trapo.

26 meias caixas de sabão diverso.

4 sacos de tremoço, 150 quilos.

1 saco de sarro de vinho, 36 quilos.

As condições de arrematação e as amostras dos géneros estão patentes na 3.ª Repartição do Comércio Interno onde podem ser vistas em todos os dias úteis, das 11 às 17 horas.

Direcção Geral do Comércio Interno, em 16 de Setembro de 1919.

O DIRECTOR GERAL,

Domingos Alberto Tavares da Silva

Pró-AVANTE!

O passeio a Linda-a-Velha—O embarque é às 7 horas do próximo domingo no Cais do Sodré

Tendo ontem um delegado da comissão que trata do passeio pró-Avante! procurado a Companhia Carris de Ferro para fretar os carros que nos deviam levar ao Dafundo, depois de lhe expor o que queríamos, foi-lhes dito que não tinham disponibilidade de material suficiente para tal fim. Depois do nosso delegado lhe dizer que se admirava que a Companhia não tenha carros suficientes, pois que ainda no dia 7 do corrente tinha alugado 5 carros para fim idêntico, responderam-lhe que já tinha alugado alguns carros e que não nos podia ser agradável.

Parece tratar-se dum truque por saber a companhia que parte da receita desta festa reverterá a favor do nosso colega Avante!

Mas enganem-se. A comissão promotora do passeio tem arrostado com mil dificuldades, mas não será fácil detê-la na sua marcha. Por isso são avisados todos os camaradas que tem bilhetes de que o embarque é às 7 horas na estação do Cais do Sodré e o desembarque na Cruz Quebrada.

A recita realiza-se em Linda-a-Velha e não em Linda-a-Pastora como tem sido noticiado.

Conferências

Realiza hoje, pelas 21 horas, na Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, rua António Maria Cardoso, 20, uma conferência pública sobre doutrinas materialistas, a sr.ª Maria O'Neill.

Libertação de um "terrível agitador"

BRAÇA, 16.—As autoridades da velha Brocará resolveram-se, finalmente, a pôr ontem em liberdade o «homem terrível», o «terrorista perigoso», como lhe chamaram, Manuel Martins, operário marceneiro, que de há tempo se encontrava detido num infecto calabouço desta cidade, à ordem do ministério da guerra.

A arbitrariedade, a cujos efeitos foi agora pôsto termo, deve-se a Custódio das Dóres, o esbirro perspicaz que, digno serventurário de quem o enviou, tantas arbitrariedades praticou na região do norte. No fundo, o polícia bocal que foi perturbador da tranquilidade de tantos lares, mais não fez que uma obra de propaganda revolucionária, bem vistas as coisas.